

Quando a mulher diz “estou estranha”

02/07/13 - 01:48 | POR XICOSA

E quando uma mulher diz, resumidamente, “eu estou meio estranha”?

Melhor seria se dissesse logo “eu sou estranha”.

Ela disse tão-somente “estou”. E daí?

Você deixa a estranheza dormir, decantar, assentar a poeira? Você deixa a estranheza dormir com a maquiagem metafísica para acordar borrada de incertezas por todos os poros?

Ou você, no desassossego, quer saber logo o que se passa, o rumo das coisas?

Há quem simplesmente se apavore, meu chapa, ponha uma música mais estranha ainda –Nick Cave ou Patty Smith?- e saia para enfrentar zumbis e fantasmas pelas calçadas escuras dos becos da mente.

O que quer dizer “estou estranha” ou “meio estranha?” Dicionário Freud on the table, please.

Tudo ia correndo bem, até melhor do que você imaginava, e, pasme, acende o sinal amarelo. Estou estranha.

Você ainda estava com o melhor dos cheiros dela na sua barba, com os dedos impregnados...

Você não iria sequer lavar o rosto para levá-la consigo durante todo o dia na flânerie ou na labuta.

Nada melhor do que explorar a cartografia da cidade cheirando os próprios dedos que a levam de volta, pelo felino faro, até ela de novo.

“Estou estranha”. Tecla pause.

Pode ser apenas um semáforo amarelo, óbvio, não atravesse o sinal. Ainda não é hora.

Pode ser a incomunicabilidade de uma manhã cinzenta, a angústia fresca do varejão Ceasa da existência, pode ser apenas um “bonjour tristesse”, como no livro, música e filme homônimos, pode ser apenas “um bom dia, TPM”.

Pode ser também o legítimo medo diante da possibilidade amorosa. Vai que dá certo! Dar certo também pode não ser lá grandes coisas. O calo de um baile do passado ainda dói no calcanhar da moça.

Como é rico esse momento da estranheza. Parece a onda de manifestações naquele momento em que o mundo se bole sem causas específicas.

É o decifra-me ou te devoro da esfinge entre as quatro paredes.

Triste de quem, diante dos mistérios dessa hora, sai cuspiendo preguiçosamente o mantra de mosca de boteco: “coisa de mulher, ô bicho estranho”.

Se fosse fácil não seria tão extraordinário, amigo.

A graça da moça é o indecifrável que nos põe de plantão permanente.

Pode ser tudo. Pode ser culpa de um inconsciente forrado com as folhas avulsas dos livros de Clarice.

Pode ser também quase o fim. Tudo pode acontecer.

Relaxa, amigo. Digo, relaxa nada, tente entender a cria da sua costela. Nada mais instigante para um homem do que esse exercício, esse jogo de adivinhações, esse jogo de amarelinha onde não há céu, apenas estranhos no paraíso.